Palavras

colhidas,

o livro de fora.

GUILHERME ORESTES CANARIM.

PALAVRAS COLHIDAS

Desbastar

As palavras,

Não é fácil,

Qual seja, sua

Entidade coisal,

Meio silvícola,

Ha quem haja paciência,

Que se conosco

Embrenhe,

Nessa tal empreitada,

De colher

Na fonte,

A madura palavra gentil,

Nova e limpa,

Para o uso

E proposito, de quem se aprouver.

IPSIS VERBIS

Para minha

Sorte, o alfarrabista

Segredou-me,

E somente a mim,

A palavra execrável,

E, não há horror

Maior, de ver

Que o fim de tudo

No esboroar

Das vidas,

Por causa duma

Palavra, mas

De antemão

Eu vitupero,

Nada me há de obrigar

A usa-la neste mundo.

ARCO PARA NADA

Há um arco

Aqui

Bem perto,

Para onde

O infinito

Se espraia,

E tudo o que

Se vê

São degraus

Para o nada.

AGROS

Nos agros olhos

Da gente

Com que deparo,

Tenho visto

A gélida

Certeza que

Tudo acinzenta,

E morta

A cor nesses olhos

Para a esperança

Perdida.

DAWN

Da senciência,

De ti,

Verte uma

Verdade limpa,

E, ainda

Que eu ponha

Anteparos

Para guarda-la,

É infinito

Tal transbordamento,

Há que apenas

Se reinventar

As formas de amar.

SEMAFOROS

Toda qualidade

Ruim, de desamor

Ódio e estresse,

Encontram-se

Pelos cruzamentos,

Bufando para

O vermelho do semáforo,

Mas, o que impressiona,

É que o passarinho

Aninha-se nos tubos,

De aço, e nem

Apercebe-se,(deve por isso,

viver mais que os outros).

SINAL

Não tenho ainda

Vocação

Para gentes,

Me parecem,

Por vezes,

Manadas enormes

Que ao menor

Descuido,

Irromperão os

Semáforos,

Sem nenhuma culpa,

Apenas ânsia

De saciar-se

Dos seus

Ódios, quereres

E achismos infundados.

ARTEFATOS

Por vezes,

Sempre que se quis,

É possível ver

Pequenas

Filigranas das

Dobraduras da realidade,

Umas sobre

As outras,

Dispostas,

De modo canhestro

A logica,

Para que não

Vejamo-las ,